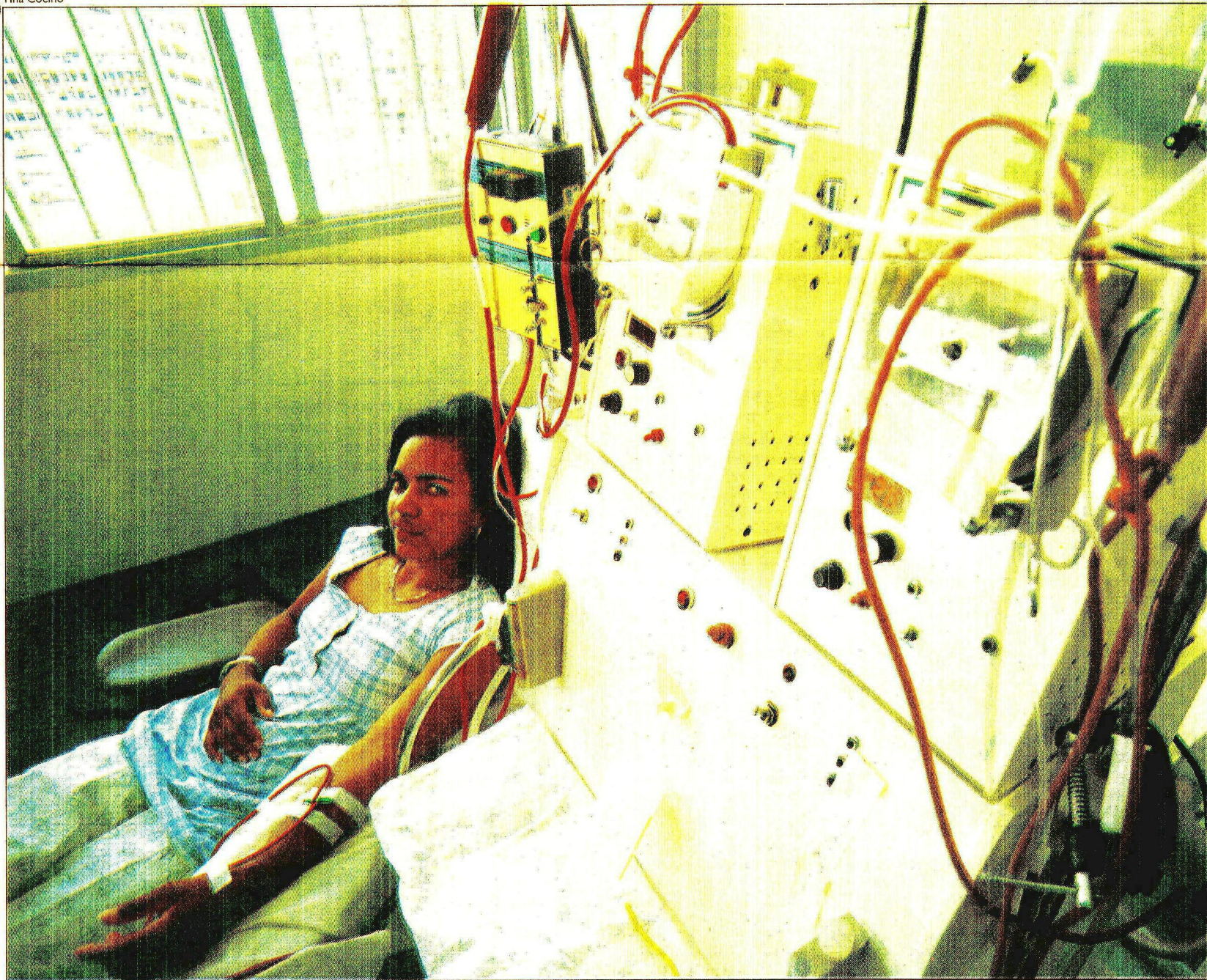




Funcionária do Jardim Botânico, Sara Gomes, 25 anos, que tem problemas renais desde os nove, em uma das três sessões semanais e vitais de hemodiálise

Água pode ameaçar doentes renais

A vida de quem precisa fazer diálise não é nada fácil. A começar pelo tempo. Horas conectados a máquinas que substituem os rins, há muito aposentados. E a sede então. O renal crônico simplesmente não pode beber água. No máximo, algo em torno de 700 ml, dois copos e meio de requeijão. Se passar da conta, tem que arcar com as conseqüências: inchaço nas pernas, aumento de peso, dor de cabeça, pressão alta.

Há três tipos de diálise. A mais conhecida, hemodiálise, consiste em uma máquina por onde o sangue do doente é filtrado e devolvido ao corpo. São necessárias três sessões semanais de quatro horas de duração cada. Na diálise peritoneal intermitente (DPI), o líquido dialisador é injetado no abdômem e a filtragem é feita pela membrana que envolve os órgãos internos do corpo na região, o peritônio. Duas vezes por semana, por 24 horas. A diálise peritoneal ambulatorial contínua (CAPD) assemelha-se à DPI,

mas é feita em casa, todos os dias.

Seiscentas e nove pessoas são submetidas a algum desses tratamentos no Distrito Federal, Entorno e algumas cidades próximas de Goiás. Se continuar no ritmo atual, o número vai dobrar em oito anos. Um levantamento feito no ano passado pela Associação dos Renais Crônicos de Brasília (Arebra) mostrou que os adultos em idade produtiva são maioria, 65% dos doentes. Os idosos representam 25% e as crianças, apenas 10%.

José de Souza Dias, 37 anos, está internado no Hospital de Base, há 25 dias, devido à infecção em uma veia do pescoço, por onde fazia hemodiálise. Mora em Paracatu (MG) e vem a Brasília, três vezes por semana, em um ônibus da prefeitura com outros nove doentes.

Dias começou a apresentar problemas renais em 1989 e, durante cinco anos, dependeu da máquina de filtragem. O transplante veio em julho de 1994. Depois de 18 meses de vida normal, a notícia: rejeição

irreversível. "Nunca esperava uma cacetada dessas".

CONSCIENTIZAÇÃO

Sara Gomes da Silva, 25 anos, está estudando para o vestibular de História da UnB. Tem problemas renais desde os nove, mas um acompanhamento médico adequado retardou em muitos anos a necessidade de hemodiálise, que faz há apenas três meses. Os dois irmãos, com quem mora em Ceilândia Norte, já fizeram exames, mas não há compatibilidade para doação.

"É muito difícil aceitar mudar toda a vida, ainda mais para uma pessoa que não consegue ficar parada como eu", diz ela, que atualmente está afastada do cargo de técnica em administração pública do Jardim Botânico. Sara quer trabalhar junto aos moradores de Ceilândia para conscientizá-los da importância da doação de órgãos. "Muita gente tem medo de doar porque acha que vai ficar faltando pedaço lá no céu".

Quem já trabalha em prol dos

doentes é José Antônio Martins. Aos 28 anos, ele é vice-presidente da Arebra e membro da comissão de nefrologia, encarregada de fiscalizar os serviços oferecidos aos doentes e controlar os medicamentos de alto custo.

José Antônio também está na fila de espera por um rim pela segunda vez. Em 1989, começou a fazer diálise. Foi transplantado em 1991, mas quatro anos depois perdeu o rim. "A melhor sensação depois do transplante é voltar a beber água e urinar, coisas absolutamente distantes da realidade do doente", relembra.

Ao todo no DF, dez hospitais têm centros de diálise. O maior da fundação hospitalar é o do Hospital Regional de Taguatinga, que pode atender 14 pessoas por turno, 56 por semana. "Estamos aumentando a área física dos hospitais do Gama e de Sobradinho. E mais 20 máquinas estarão em funcionamento no Hospital de Base a partir de novembro", garante Maria Mouranilda Schleicher, chefe da Unidade de Nefrologia do HBDF. (CC)